

LETRAS QUE SUBVERTEM: expressões da religiosidade feminina na Europa do século XVI

Letters that subvert: expressions of female religiosity in 16th-century Europe

Larissa Cristhina Giron Ferreira¹

Artigo recebido em: 24/03/2020
Artigo aceito em: 21/05/2020

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as experiências femininas durante momentos das Reformas Religiosas no século XVI. Nesse sentido, as trajetórias de Jeanne de Jussie e Marie Dentièrre, uma freira e uma adepta do protestantismo calvinista, respectivamente, nortearão as observações sobre o quadro em questão. São levados em conta os artifícios que essas personagens utilizaram para refletir sobre o seu meio, sobretudo a leitura e a escrita. Há também destaque para as discussões das relações entre gênero. Ainda, todos estes pontos estão inseridos em um recorte que compreende parte da Europa francófona no século XVI, espaço que viveu os impactos do poder de circulação de ideias viabilizado pela utilização da imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Jeanne de Jussie; Marie Dentièrre; Mulheres e Reformas Religiosas

ABSTRACT

This study aims to analyze the women's experiences during times of Religious Reforms in the 16th century. In this sense, the trajectories of Jeanne de Jussie and Marie Dentièrre, a nun and a supporter of Calvinist Protestantism, respectively, will dominate the comments about the situation in question. Are taken into account the artifices that these characters used to reflect about your middle, especially reading and writing. There is also an attention on the discussion of gender relations. Still, all these points are inserted into a cut that comprises part of the French-speaking Europe in the 16th century that lived the impacts of power of movement of ideas made possible by the use of the press.

KEYWORDS: Jeanne de Jussie; Marie Dentièrre; Women and Religious Reforms

¹ Aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6662702782234869>. E-mail: larissagiron@live.com

Alguns podem ficar chateados por isto ser dito por uma mulher, crendo que isto não é apropriado para ela, já que a mulher foi feita para agradar. Mas eu rogo a vocês que não se ofendam, vocês não devem pensar que eu faço isso por ódio ou por rancor. Eu faço isso somente para edificar meu próximo, vendo-o em tão grande e horrível escuridão, mais palpável que a escuridão do Egito.

Marie Dentière

As mudanças religiosas que vieram na esteira do século XVI afetaram direta ou indiretamente grande parte da população europeia nesse tempo. A ampla circulação de escritos impulsionada pela imprensa convulsionou novas práticas de devoção e formação de outros espaços de sociabilidade. De ambos os lados - católico e protestante- observou-se a mobilização de escritos com fins apologéticos; Lucien Febvre e Jean- Henri Martin identificaram essa prática como literatura de combate (FEBVRE; MARTIN, 1992), característica que se destacou, sobretudo, na França imergida em guerras religiosas. Sobre isso, Le Roux também aponta que “Publicados em Orléans, Lyon ou Caen, depois em La Rochelle a partir de 1568, esses textos eram curtos, baratos e fáceis de se difundir” (LE ROUX, 2016 p. 27, tradução nossa).²

As vias que levaram milhares de pessoas à adesão das reformas protestantes pousavam sobre livros e tantos outros materiais impressos que foram propagados sobremaneira, ao ponto de tornarem-se uma ameaça a alguns círculos de poder, tamanha a intensidade da veiculação de ideias. Os materiais do movimento protestante conseguiram alcançar espaços como mosteiros e conventos, apesar das barreiras do claustro. A própria esposa de Martinho Lutero, Katarina Von Bora, destaca-se como exemplo de uma mulher religiosa que abandonou sua posição de freira devido seu contato com o conteúdo escrito pelo reformador.³

² “Publiés à Orléans, Lyon, ou Caen, puis à La Rochelle à partir de 1568, ces textes étaient courts, peu chers et faciles à diffuser” (LE ROUX, 2016, p. 27).

³ Ver TREU, Martin. Katherine Von Bora: Luther's Wife. Reformation Biographies. Translated by Stephen P. Glinsky Jr. Drei Kastanien Verlag, 2017.

No entanto, a utilização da escrita não era uma estratégia exclusivamente protestante. Ao tentar compreender o papel dos conceitos de sociabilidade, materialidade e espacialidade dentro do contexto da propaganda religiosa por meio de uma análise do uso dos livros, Malcolm Walsby traz a experiência do bispado de Verdun. Verdun era um principado episcopal na região da Lorena e teve um papel significativo na resistência católica. O autor observou que ali o uso dos materiais impressos desempenhou um papel importante na reação à Reforma Protestante, impulsionada pela Santa Sé. Nesse contexto, o controle da circulação de volumes na diocese era claramente uma parte importante que compunha um estratagema muito bem delineado do uso dos livros. Concluiu-se, então, que “ao manipular as dimensões materiais, sociais e espaciais do mundo do livro na era Era Moderna, o bispado de Verdun e seus impressores procuraram avançar a Reforma Católica em sua própria diocese e além” (WALSBY, 2017, p. 37).

O ambiente de ebulição tornou favorável o acesso de novos sujeitos aos conteúdos escritos, uma vez que, no ensejo da expansão de ideias, vieram novas possibilidades de leitura, aprendizagem e caminhos para acessá-las. A Europa quinhentista detinha cada vez mais a escrita como um dos principais meios de expressão (CHARTIER, 2009, p. 113). Logo, não demorou para que os materiais publicados ganhassem contornos específicos de variados autores. Maria Abreu demonstra que “A fé protestante e a doutrina do direito à liberdade de consciência religiosa foram argumentos suficientes para justificar o direito de as mulheres escreverem e publicarem as suas experiências religiosas, opiniões e exortações” (ABREU, 2003, p. 141). Por sua vez, as mulheres católicas são igualmente inseridas no cerne das reformas:

As decisões tomadas no Concílio de Trento (1545-1563) situam a reacção católica no próprio terreno do adversário protestante: a instrução dos fiéis na doutrina correcta, desde a mais tenra idade. [...] Os reformadores católicos compreendem então o papel chave que a rapariga pode desempenhar num processo de reconquista religiosa e moral da sociedade no seu conjunto. Em cada uma está adormecida uma futura mãe, uma potencial educadora. Ela é a peça mais importante do dispositivo, visto que é chamada a transmitir a boa nova hoje ensinada. Esta tomada de consciência dá um impulso decisivo à generalização de uma instrução

feminina que compreende pelo menos a leitura e o catecismo (SONNET, 1994, p. 144).

Diante disso, os materiais produzidos por mulheres do período em questão podem trazer luz acerca dos papéis de gênero à época, bem como sobre as possibilidades de uma mulher instruída e, ainda mais, uma mulher disposta a escrever e publicar. No presente trabalho, por meio dos escritos produzidos por Marie Dentière, uma teóloga protestante não reconhecida, e Jeanne de Jussie, uma freira que não desertou do catolicismo na tomada de sua cidade pelos reformadores protestantes, pretende-se alcançar as discussões acerca da vivência feminina em um contexto de tamanha mutabilidade e de intensos debates religiosos.

Para isso, é importante apontar alguns fatores que atravessavam o acesso de mulheres à prática de escrever e, desse modo, a questão da educação é primordial. A maioria das mulheres que obtinham educação recebiam o básico de instrução para leitura e contas simples, já que sua formação era voltada para os afazeres domésticos. Em função disso, os debates referentes à filosofia, teologia e outras áreas não faziam parte do seu cotidiano, o que tornava difícil elaborar trabalhos para a publicação (GODINEAU, 2015, p. 115). Mas ainda que pudessem fazê-lo, a publicação de trabalhos de autoria feminina era uma prática altamente cerceada. Por fim, a imposição ao silêncio por motivações religiosas coroava essa tríade de porquês que refletem a carência de materiais escritos por mulheres no século XVI. O pensamento religioso da época inclinava-se para um pensamento de desconfiança daquilo que era relacionado ao feminino. Como descendentes de Eva, as mulheres seriam, então, mais tendenciosas a subverter qualquer ordem:

Assim, as mulheres eram acusadas por ser o que eram, não pelo que fizessem. Por isso, pessoas como Tertuliano podiam caracterizar as mulheres como “o portão do Diabo”, e sugerir que usassem roupas de luto todo o tempo como penitência pela “ignomínia” do pecado original e a vergonha de ser à causa da Queda humana (SALISBURY, 1995, p. 44).

Essa constatação gerou e alimentou durante muito tempo sentimentos de medo e desconfiança com relação à elas (DELUMEAU, 1999, p. 462).

Via de regra, aquelas que subvertiam esse perfil eram, geralmente, mulheres religiosas que escreviam no seu isolamento para própria reflexão, geralmente orações e poemas religiosos. À vista disso, os casos excepcionais, ou seja, aqueles em que as mulheres tentaram ampliar seu campo de alcance por meio da escrita, merecem especial atenção. Esses casos podem demonstrar como algumas mulheres valeram-se dos instrumentos disponíveis em seu meio para adentrarem aos debates a respeito do seu próprio gênero e das discussões que despontavam em seu meio.

Marie Dentière e Jeanne de Jussie, ambas autoras de relatos da situação religiosa na França e em Genebra, viveram em um mesmo tempo e local, mas tinham percepções completamente opostas sobre os motivos do conflito. Seus argumentos voltavam-se para defesa da sua fé e também do que acreditavam ser atribuições pertinentes às mulheres de seu contexto. Dentière e Jussie se cruzaram na situação da ocupação protestante em Genebra, encontro registrado explicitamente em *Le levain du Calvinisme, ou commencement de l'heresie de Geneve*, escrito pela irmã Jussie. Já *L'Epistre très utile, faite et composée par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, soeur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens*⁴, obra de Marie Dentière, dá indícios do mesmo encontro, mesmo que indiretamente.

O primeiro documento tem características de crônica e o segundo é uma ampla epístola. Os trabalhos foram publicados em 1611 e 1539, respectivamente. O trabalho de Jussie foi publicado na França, país de seu exílio, anos após sua morte. A razão do intervalo entre a redação do *Levain du Calvinisme* e a sua publicação ainda é desconhecida, mas é possível inferir que pode se tratar de mais um caso de baixo interesse em publicar uma obra produzida por uma mulher.

A tensão que costurava toda a conjuntura da época permeia cada linha das duas produções. Quando contrapostas, percebe-se que era impossível estar alheio às disputas que tinham a religião como força motriz.

⁴ Os textos em questão foram livremente traduzidos pela autora nas citações do presente trabalho.

Recentemente, essa documentação tem sido revisitada sob uma perspectiva de gênero. Autoras como Kirsi Stjerna⁵ e Dominique Godineau⁶ abordaram o contexto em questão a fim de trazer uma análise que contemplasse as múltiplas vivências, revelando experiências peculiares a homens e mulheres. Apesar da carência de fontes para esse tipo de estudo, o que se tem pode revelar aspectos bastante interessantes de como mulheres lidaram dentro de seu círculo social com as mudanças em curso. É interessante assinalar que os dois objetos de análise foram endereçados a pessoas da alta nobreza e talvez por isso tenham sido preservados e publicados. Contar com aliados dentro do círculo de poder era uma boa estratégia para tentar ser ouvida, ainda que os efeitos fossem tímidos diante de uma cultura onde o silêncio deveria ser portado por mulheres como um adereço inseparável (BROOMHALL, 2006, p.18).

A filha mais nova da família de Jussie, nascida em 1503 na Suíça, foi a autora de uma das obras que registrou o impacto da implementação do protestantismo em Genebra. Jeanne de Jussie, como muitas das filhas mais novas da baixa nobreza, atendeu ao poder pátrio, tornou-se freira aos seus 18 anos e dedicou-se, desde então, com bastante veemência as atividades religiosas. Como parte da Ordem das Clarissas, adotou uma prática de vida que era conduzida por uma constante mortificação do apego ao mundo material. O convento onde vivia era o único dessa ordem na cidade de Genebra e abrigava um pouco mais de 20 freiras. A rotina das irmãs do convento de Santa Clara era bastante silenciosa e voltada para meditação, orações e afazeres domésticos necessários à manutenção do espaço. Contudo, quando os reformadores adentraram a cidade e começaram a propagar suas ideias, essas mulheres vivenciaram, ainda que dentro dos muros do convento, um choque por discursos que vão de encontro a tudo aquilo que elas acreditavam.

Em sua narrativa, Jussie revela as visitas que ela e algumas irmãs passaram a receber de mulheres adeptas ao protestantismo que tentavam convencê-las a também

⁵ Professora de História da Reforma Protestante e estudos Luteranos na Universidade de Helsinki.

⁶ Professora de História Moderna na Universidade Rennes 2.

aderir às novas doutrinas. Por vezes estas visitas eram feitas por familiares que queriam convencê-las a deixar o claustro e seguir outra forma de vida, que geralmente consistia em casar e ter filhos. Em contrapartida, as mensagens de apoio de amigos e parentes católicos também chegavam a essas mulheres. Jussie aponta Beatriz de Portugal, a duquesa de Saboia, como uma das maiores apoiadoras da manutenção do catolicismo em Genebra no auge dos conflitos com os protestantes (JUSSIE, 2006, p. 175). Assim como ela, outras mulheres católicas da cidade são mencionadas por preocuparem-se em dar suporte para que houvesse algum tipo de resistência diante da Reforma que estava sendo implementada.

A crônica de Jeanne de Jussie é dividida em algumas seções que dão perspectiva das sequências de eventos que ocorreram nas transformações políticas e religiosas na cidade. O documento é uma janela para entender o processo histórico em andamento nessa ocasião e, além disso, proporciona enxergar especificamente o choque que a Reforma teve sobre a vida das mulheres locais, principalmente as freiras.

O texto inicia-se com a apresentação de sua finalidade, com a contextualização do tema a ser tratado, bem como alguns dos personagens envolvidos nos acontecimentos narrados. Ela diz:

Emmanuel, Monsenhor o Lorde de Bresse, a excelentíssima Lady Catarina Charlotte e seus nobres filhos estavam no magnífico Ducado de Savoia. E também, o ilustríssimo Conde de Geneva, Monsenhor Filipe de Savoia O que se segue é uma pequena crônica contendo uma pequena parte do que foi feito em Gebra por causa de *Eidguenotry* e hereges e da seita Luterana, começando em 1526, quando o Santo Padre Papa Clemente VII estava na Santa Sé, e o mais ilustríssimo, soberano, poderoso e formidável Lorde Carlos III, a ilustríssima, excelente Lady Madame Beatriz de Portugal, sua nobre esposa, o mais excelente Luís, Monsenhor o Príncipe do Piemonte, Philibert, o Duque de Nemours (JUSSIE, 2006, p. 37 e 38).⁷

⁷ The following is a short chronicle containing a small part of what was done in Geneva because of Eidguenotry and heretics and the Lutheran sect, beginning in 1526, when the Holy Father Pope Clement VII was in the Holy Apostolic See, and the most illustrious, most high, powerful, and formidable Lord Charles III, and the most illustrious, excellent Lady Madame Beatrice of Portugal, his most noble wife, and the most excellent Louis, Monseigneur the Prince of the Piedmont,⁶ Philibert Emmanuel, Monseigneur the Lord of Bresse, and the most excellent Lady Catherine Charlotte, their most noble children, were in the magnificent Duchy of Savoy. Also, the most high

Genebra, o palco dos eventos em questão, foi durante muito tempo parte do ducado dos nobres católicos de Savoia. O que Jeanne de Jussie chama de “O levante do calvinismo” diz respeito à deposição do então duque de Savoia, Carlos III e a transformação de Genebra em uma autarquia protestante, que passou a ser governada por consistórios que eram eleitos a cada quatro anos. Nesse transcurso as organizações católicas viam-se cada vez mais acudadas e pressionadas por dissonar dos princípios que passaram a reger a cidade. As notícias sobre os embates travados pelo controle de Genebra permearam as paredes do claustro e causaram bastante preocupação:

Em junho daquele ano, em uma manhã de domingo, alguns homens descarados fixaram grandes cartazes impressos nas portas de todas as igrejas em Genebra, afirmando todos os principais preceitos da perversa seita Luterana, mas logo eles foram retirados por bons cristãos. Depois de dizerem as preces, um dos cânones, um bravo e bom homem católico que levantou-se sobre os hereges, retirou os cartazes que eles haviam colocado na igreja de São Pedro, o que enfureceu aqueles causadores de problemas. Um deles sacou sua espada e o feriu no braço, e ele perdeu quase todo o seu sangue e ficou doente na cama por um longo tempo. Ninguém achou que ele fosse sobreviver, e todas as pessoas honradas se entristeceram por ele. Contudo, com a ajuda de Deus, que por sua honra arriscou a vida, ele foi curado pelo bom cuidado do médico (JUSSIE, 2006, p. 71)⁸.

Quanto mais o cerco se fechava, ou seja, quanto mais os protestantes avançavam e se estabeleciam em uma situação de controle, mais os grupos católicos procuravam deixar a cidade e buscar refúgio em outros locais. O mesmo viria acontecer com as freiras de Santa Clara no ano de 1535, quando elas deixam seu convento a pé com o objetivo de estabelecer-se na cidade francesa de Annecy. Lá,

illustrious Count of the Genevois, Monseigneur Philippe of Savoy, the Duke of Nemours (JUSSIE, 2006, p. 37 e 38).

⁸ In June of that year, on a Sunday morning, some brazen men posted large printed placards on all the church doors in Geneva, stating all the principal claims of the perverse Lutheran sect, but they were soon torn down by good Christians. After saying matins, one of messieurs the canons, a brave and good Catholic who stood up to the heretics, tore down the placards they had posted at Saint Peter’s church, which angered those troublemakers. One of them drew his sword and struck him in the arm, and he lost almost all his blood and was sick in bed for a long time; no one thought he would live, and all the honorable people grieved for him. However, with the help of God, for whose honor he had risked his life, he was healed by the surgeon’s good care (JUSSIE, 2006, p. 71).

elas poderiam seguir dentro de sua religião sem qualquer tipo de repressão, e seu estabelecimento no novo lar é o que marca o último registro da crônica.

Mas até o instante em que parte para o exílio, Jussie relata inúmeras ocasiões de investidas para convertê-las. Os registros que apontavam para as visitas feitas por mulheres revelam uma tentativa de persuasão que se inclinava para um discurso acerca do papel da mulher dentro de uma perspectiva religiosa. As visitantes protestantes argumentavam sobre, entre outras coisas, a vida de enclausuramento e os votos de castidade. Contudo, cada investida acabou servindo para reforçar a opinião das freiras e estimulou Jeanne de Jussie a escrever sobre esses argumentos a fim de instigar, por meio de sua própria experiência, futuras freiras a não abandonarem a sua fé, independente das circunstâncias.

Nesse sentido, um dos pontos altos da crônica é a descrição do encontro de Marie Dentière com as irmãs do convento. É interessante observar os pensamentos de Jussie a respeito da protestante: Dentière é relatada como uma pessoa perversa, de língua venenosa, completamente degenerada. Isso porque os ideais para a vida como mulher que foram apresentados no encontro dentro do convento se contrapunham completamente aos votos feitos por aquelas freiras. Para elas, a castidade e a dedicação exclusiva para Deus era a melhor forma de se viver. Jussie transcreve o horror com que a pregação de Dentière foi recebida:

Naquele grupo havia uma freira, uma falsa, abadessa enrugada com uma língua diabólica, que teve marido e filhos, chamada Marie Dentière da Picardia, que se intrometeu em pregações e perverteu pessoas. Ela veio entre as irmãs procurando pela irmã Colette Masuere e foi perguntando uma a uma, “Você é à irmã Colette? Filha, nós desejamos falar com você”. A primeira a quem ela se direcionou era aquela mesma mulher. Mas irmã Colette a empurrou a parte e disse, “Eu não sou quem você quer. Fique atrás de mim e procure em outro lugar”. Então ela foi de uma para outra, e cada uma delas a insultou dizendo, “Vá embora, freira repugnável com a língua venenosa!”. Mas porque ela queria perverter uma delas, ela não prestou atenção a insulto algum ou ofensas, e disse “Oh, pobres criaturas, se vocês soubessem a boa coisa que é estar próxima a um belo marido e como é agradável a Deus! Pobre de mim que estive por um longo tempo nessa escuridão e hipocrisia onde vocês estão. Mas Deus sozinho me mostrou as desilusões de minha vida miserável, e eu vi a verdadeira luz da verdade e percebi que eu estava vivendo em tristeza todo o tempo porque nesses conventos não há nada além de hipocrisia, corrupção mental e

ociosidade. E então, sem hesitar, eu tomei quinhentos ducados do tesouro e deixei aquela vida miserável e, graças somente a Deus, eu já tenho cinco boas crianças e eu levo uma boa e saudável vida.” Aquelas falsas e enganosas palavras muito horrorizaram as irmãs, e elas cuspiram nela com desprezo. Ela replicou, dizendo, “Ah, suas falsas hipócritas, vocês rejeitam a palavra de Deus porque vocês não vêm dele. Nós sabemos bem que tipo de vida vocês levam. Sua irmã, iluminada por Deus, nos contou tudo sobre sua vida diabólica e dissoluta, e a pobre menina não aguentou” (JUSSIE, 2006, p. 151 e 152).⁹

A despeito das inúmeras tentativas de conversão ao protestantismo, Jussie afirma com orgulho que suas irmãs fazem parte de um grupo restrito que não cedeu à pressão para abdicação da fé católica. Ao fazer referência a expansão das heresias que, segundo ela, começou com Martinho Lutero, é colocado que

Havia perversões entre todas as ordens do mundo, exceto entre as freiras de Madame Santa Clara da Reforma da Santa Colette, onde nenhuma freira jamais foi pervertida ou infiel, exceto por alguém que não tivesse entrado no convento pela porta adequada, de boas intenções, mas por hipocrisia fingida e perversa. Ela não era verdadeiramente digna de Nosso Senhor e foi facilmente desviada e removida da ordem e do convento em Genebra, e foi por causa de sua irmã, um membro dessa seita; ela foi retirada violentamente apesar da forte resistência que as freiras colocaram para ela (JUSSIE, 2006, p. 63).¹⁰

⁹ In that company was a nun, a false, wrinkled abbess with a devilish tongue, who had a husband and children, named Marie Dentièrre of Picardy, who meddled in preaching and perverting pious people. She came among the sisters looking for Sister Colette Masuere, and she went up to them one by one and asked, “Are you Sister Colette? Daughter, we wish to speak with you.” The first one she addressed was that very woman. But Sister Colette pushed her aside and said, “I am not the one you want. Get behind me and seek her elsewhere!” Then she went from one to another, and each one insulted her and said, “Get away, you repudiating nun with a venomous tongue!” But because she wanted to pervert one of them, she paid no attention to any insults or injuries, and she said, “Oh, you poor creatures, if you knew what a good thing it is to be next to a handsome husband and how pleasing to God! Alas, I was for a long time in this darkness and hypocrisy where you are. But God alone showed me the delusions of my wretched life, and I saw the true light of truth and realized I had been living in sorrow the whole time because in these convents there is nothing but hypocrisy, mental corruption, and idleness. And so, without hesitating, I took five hundred ducats from the treasury and left that miserable life, and, thanks to God alone, I already have five fine children and I lead a good and healthy life.” Those false and deceitful words horrified the sisters greatly, and they spat on her in scorn. She replied, saying, “Hah, you false hypocrites, you spurn the word of the one God because you are not from Him. We know well what life you lead. Your sister, enlightened by God, told us all about your devilish and dissolute life, and the poor girl could not stand it” (JUSSIE, 2006, p. 151 e 152).

¹⁰ There were perversions among all the orders of the world, except among the nuns of Madame Saint Clare of the Reformation of the Blessed Colette, where not a single nun was ever perverted or unfaithful, except for one who had not entered the convent through the proper door of good intentions, but by feigned and wicked hypocrisy. She was not truly worthy of Our Lord and was easily led astray and removed from the order and convent in Geneva, and it was because of her sister, a

Jeanne de Jussie demonstra ter assumido uma postura tal como uma bastiã do catolicismo em Genebra. Mesmo em uma vida de reclusão, ela valeu-se dos recursos que tinha, como a escrita e o próprio discurso católico para manter seus princípios. Ela fala orgulhosa a respeito do seu convento, pois ali foi um dos poucos espaços que as ideias dos reformadores não penetraram. É demonstrada uma concepção de como as mulheres deveriam conduzir as suas vidas em seu ponto de vista: o embate com Marie Dentière revela que, ao contrário do que possa parecer, a vida no claustro era entendida como uma forma de realização, ao invés de um fardo.

Jussie dedica também uma seção de sua obra à firmeza das mulheres católicas em geral diante do avanço do protestantismo na cidade. Ela encoraja mulheres a enfrentarem seus pais e maridos, resistir às agressões e ameaças a fim de permanecerem firmes e “morrerem na religião” ao invés de renderem-se às heresias. Dentre tantos exemplos dados de mulheres que foram colocadas em cárcere pelos seus maridos para não participarem da Eucaristia, ou de filhas expulsas de casa por tentarem frequentar as missas, destaca-se uma mãe que em atitude de desespero arranca seu filho dos braços do pastor protestante para impedir de batizá-lo nos termos da doutrina reformada:

Durante a primeira semana de abril eles capturaram um cânone chamado Monsenhor Gonin Dorsiere em sua casa, e ele foi colocado na prisão com seu padre, tudo por causa da religião Sua irmã, que era casada com um boticário muito rico, teve um bebê. Seu marido herético queria que fosse batizado pelo Farel satânico, e ele o chamou para sua casa. Quando aquela menina abençoada, que tinha apenas 14 ou 15 anos, viu sua primeira prole dada a esses cães, firme em sua religião e em seu amor por Deus, ela saiu de seu leito de criança para ir tirar seu filho dos braços daquele homem miserável, e ela imediatamente caiu em um desmaio, de tristeza e do parto. Seu marido tinha pena dela e a levou de volta para a cama e foi obrigada a deixar seu filho com ela. Ela chamou o padre para sua casa, e ele batizou a criança na frente dela (JUSSIE, 2006, p. 117 e 118).¹¹

member of that sect; she was taken out violently despite the strong resistance that the nuns put up for her (JUSSIE, 2006, p.63).

¹¹ During the first week of April they captured a lord canon named Monseigneur Gonin Dorsiere in his house, and he was put in prison with his priest, all because of the religion His sister, who was married to a very rich apothecary, had a baby. Her heretical husband wanted to have it baptized by the satanical Farel, and he called him to his house. When that blessed girl, who was only fourteen or

Por meio da escrita, Jeanne de Jussie eternizou seu olhar sobre o banho de sangue e tantos outros entraves sob os quais se deu o processo da Reforma em Genebra. Para ela, enquanto freira e mulher, havia comportamentos admiráveis que caracterizavam mulheres como corajosas e honradas. Esses comportamentos estavam associados a resistir em favor da fé católica, independente da força da persuasão. A mãe em desespero que impede o batismo protestante de seu primogênito denota o que já foi dito sobre o papel da mulher católica nesse momento de instabilidade: garantir a manutenção da religião no seio familiar e criar filhos de acordo com esses ideais.

No entanto, em uma relação de disputa há mais de um lado. Se Jussie muniu-se da religião e da escrita para argumentar em favor de seu grupo dentro de um quadro tão conturbado, qual seria então a perspectiva das mulheres que estavam “do outro lado”? Aquelas que foram ao convento para tentar convencer as irmãs de que o jeito delas de conduzir a vida era um equívoco. As particularidades das experiências auxiliam a compor uma visão mais integral, não somente das reformas religiosas, mas também aponta para a multiplicidade dos atores envolvidos nelas. Se as freiras relutaram dentro dos conventos, qual teria sido o papel das mulheres protestantes nessas circunstâncias? Até que ponto se contrastavam das mulheres católicas pela religião e até que ponto se aproximavam por dividirem a mesma categoria de gênero? Algumas respostas podem ser obtidas partindo da trajetória da personagem que fora considerada uma freira corrompida.

Marie Dentièrre, natural de Tournai, nasceu por volta de 1495 em uma família católica da baixa nobreza. Ainda jovem ingressou no convento agostiniano de Saint-

fifteen years old, saw her first offspring given to those dogs, firm in her religion and in her love of God, she got out of her childbed to go pull her child from the arms of that wretched man, and she immediately fell in a faint, from sorrow and the labor of childbirth. Her husband had pity on her and had her carried back to bed and was obliged to leave her child with her. She called the priest to her house, and he baptized the child in front of her (JUSSIE, 2006, p. 117 e 118).

Nicolas-dés-Prés, onde se tornou abadessa em 1521. Não fosse pelos relatos que vêm a seguir, a história de Marie Dentièrre seria análoga a trajetória já apresentada de Jeanne de Jussie. A divergência parte do momento em que as ideias reformadas contra o monasticismo chegam a Marie Dentièrre dentro de seu cenóbio.

Uma vez convencida pelos novos argumentos, Dentièrre abandona sua posição de abadessa e foge para Estrasburgo, cidade onde fez-se um refúgio para protestantes à época, devido seu status de cidade tolerante. Ali o reformador Martin Bucer foi o responsável por solidificar a comunidade protestante e as suas ideias na região, inserindo Estrasburgo no mapa de uma Europa Reformada. (LE ROUX, 2016, p. 14) Nessa mesma cidade, a ex-freira casou-se com um pastor protestante de nome Simon Robert, com quem teve cinco filhos. O casal dedicou-se a pregar sobre a Reforma, mas foi interrompido pela morte precoce de Robert. Viúva, Dentièrre casou-se novamente, outra vez com um pastor: Antoine Froment, que atuava juntamente com o líder protestante Guillaume Farel na Reforma da cidade de Genebra.

O trabalho de Froment junto a Farel fez com que a família se estabelecesse em Genebra. Foi neste lugar que a reformadora Marie Dentièrre, como ficou posteriormente conhecida, produziu sua obra e conheceu Jeanne de Jussie, ocasião que ilustrou uma intersecção entre realidades paralelas de duas mulheres tão distintas. Mas diferente da irmã Jussie, Dentièrre teceu suas percepções em forma de epístola, a qual endereçou à Margarida D'Angoulême, rainha de Navarra e irmã do rei Francisco I da França. Margarida era conhecida por ser uma grande defensora dos protestantes, os quais buscou oferecer abrigo em seu reino, ainda que nunca tenha abdicado do catolicismo publicamente. Pouco se conhece de como foi estabelecida a ligação entre a rainha e Marie Dentièrre, mas é possível saber que a nobre era madrinha de uma das filhas da protestante:

E também para dar coragem a minha filhinha, sua afilhada, para dar aos impressores uma pequena gramática hebraica que ela fez em francês para

o uso e proveito de outras meninas, acima de tudo, para sua filha, minha Senhora, a Princesa, a quem é dirigida (DENTIÈRE, 2004, p. 53).¹²

A filha de Margarida de Navarra em questão é Jeanne D’Albret que se tornou, quando adulta, defensora assumida do movimento protestante.

A epístola escrita por Marie Dentièrre é dividida em algumas partes que se voltam, sobretudo, para a apologética, ou seja, aspecto da teologia que dedica-se em defender argumentos que sustentam a validade da doutrina. Mas chama atenção uma sessão que é destinada a *défense des femmes*. Assim como Jeanne de Jussie, Dentièrre entende ser importante uma atenção especial às mulheres que viviam no cerne das mudanças religiosas. Desta maneira, a autora da epístola busca argumentar contra alguns pressupostos remetidos às mulheres, bem como defender essas figuras como participantes ativas na Reforma. E, ainda, advoga em favor da igualdade entre os gêneros no que diz respeito à salvação mediante a fé, um dos princípios-chave do pensamento reformado.

A Epístola Útil difere da Crônica no que tange à descrição dos eventos históricos. Jussie preocupa-se bastante em datar e expor as situações que se desenrolaram em Genebra. Ao invés disso, Marie Dentièrre ocupa-se em demonstrar a legitimidade dos seus argumentos, respaldando cada um deles com referências ao texto bíblico. No entanto, é possível extrair do texto as querelas, sejam com os “papistas” ou com outros grupos, tais como judeus e muçulmanos, que se deflagraram neste momento. O conteúdo do documento aponta para os conflitos religiosos do século XVI ainda que de maneira indireta e deixa claro como a autora estava alinhada com a visão dos protestantes na cidade, fator que é revelado no próprio título da epístola “*contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens*”. A adesão ao

¹² And also to give courage to my little daughter, your goddaughter, to give to the printers a little Hebrew grammar that she has made in French for the use and profit of other little girls, above all, for your daughter, my Lady the Princess, to whom it is directed (DENTIÈRE, 2004, p. 53).

calvinismo se mostra na medida em que até os luteranos e anabatistas tornam-se alvo das críticas junto aos demais grupos religiosos cujas práticas são vistas como heresia.

Em um determinado trecho é possível observar uma posição que endossa uma das principais críticas dos protestantes ao romperem com a Igreja de Roma:

Não bastava que a maldade dos homens atribuisse e concedesse a honra que pertence a Jesus Cristo sobre aquelas coisas visíveis que foram ordenadas por Deus, mas também sobre coisas ordenadas e inventadas pelos homens, sem a autoridade das escrituras, como peregrinações e dinheiro dado para indulgências, e perdões, e um monte de outras idolatrias malignas que os homens descobriram, criaram e inventaram através de suas boas intenções, ou melhor, para saquear e roubar as pessoas pobres, indo contra a palavra sagrada de Deus. Chegou ao ponto em que a terra está cheia de idolatrias, e se Deus não intervisse, não estaria dentro do poder humano para extirpar e arrancá-los (DENTIÈRE, 2004, p.59).¹³

Questões como a confissão auricular, o celibato e até mesmo a transubstanciação¹⁴ são de igual modo abordadas:

E você não deve pensar que essas palavras que Cristo falou, santas e puras: "Este é o meu corpo que é dado a você; fazei isto em memória de mim" cria qualquer coisa além de pão, que tomamos em memória da morte de Jesus. Você não deve acreditar nem imaginar que o pão é mudado ou transformado, transubstanciado no corpo de nosso Senhor Jesus, nem que seu corpo desce do céu e se esconde sob pão, ou com o pão. (DENTIÈRE, 2004, p. 63).¹⁵

¹³ It was not enough for the wickedness of men to attribute and bestow the honor that belongs to Jesus Christ on those visible things that were ordained by God, but also on things ordained and invented by men, without the authority of scripture, such as pilgrimages and money given for indulgences, and pardons, and a full lot of other evil idolatries that men have discovered, created, and invented through their good intentions, or rather to pillage and rob the poor people, going against the holy word of God. It has reached the point where the earth is filled with idolatries, and if God did not intervene, it would not be within human power to extirpate and tear them out (DENTIÈRE, 2004, p.59).

¹⁴ O argumento a favor da transubstanciação consistia em defender que o pão e o vinho tomavam a forma do próprio corpo e sangue de Cristo no momento da Eucaristia, mudando realmente sua natureza material.

¹⁵ And you must not think that those words that Christ spoke, holy and pure: "This is my body which is given for you; do this in memory of me" create anything other than bread, which we take in memory of the death of Jesus. You must not believe nor imagine that the bread is changed or transformed, transubstantiated into the body of our Lord Jesus, nor that his body comes down from heaven and hides itself under that bread, or with the bread (DENTIÈRE, 2004, p. 63).

O engajamento de Marie Dentière em prol da Reforma é categórico, mas essa atitude não foi suficiente para imunizá-la de qualquer reprovação pelo fato de ser uma mulher que desejava falar publicamente sobre suas crenças e opiniões. Um ponto que diferencia freira e reformadora é que Dentière teve de lidar não somente com a crítica católica, mas também com as de indivíduos de seu próprio meio: “Não só certos caluniadores e adversários da verdade tentarão nos acusar de excessiva audácia e temeridade, mas também certos fiéis, dizendo que é muito ousado para as mulheres escreverem umas às outras sobre assuntos das escrituras” (DENTIÈRE, 2004, p.54, tradução nossa).¹⁶

Essa situação deixa transparecer que, embora o movimento reformado tenha trazido a ampliação do acesso ao texto bíblico, muitas mulheres eram impedidas de participar dos debates, tais como os homens. Apesar de algumas rupturas no que diz respeito ao monopólio das Escrituras, a posição de silêncio da mulher parecia ser algo a ser mantido.

Por esse motivo, sua escrita foi incisiva em defender a importância do papel das mulheres e também a necessidade de instrução para elas. Já no início, ela faz uma referência a “nós mulheres”, deixando explícito que se vê dentro de uma categoria específica:

Minha senhora mais honrada, assim como os genuínos amantes da verdade desejam saber e entender como devem viver nestes tempos muito perigosos, então nós mulheres devemos saber como fugir e evitar todos os erros, heresias e falsas doutrinas, seja de falsos cristãos, turcos, infiéis, ou de outros suspeitos na doutrina, como seus escritos já mostraram suficientemente (DENTIÈRE, 2004, p.51).¹⁷

¹⁶ “Not only will certain slanderers and adversaries of truth try to accuse us of excessive audacity and temerity, but so will certain of the faithful, saying that it is too bold for women to write to one another about matters of scripture” (DENTIÈRE, 2004, p.54).

¹⁷ My most honored Lady, just as the genuine lovers of truth desire to know and understand how they should live in these very dangerous times, so we women should know how to flee and avoid all errors, heresies, and false doctrines, whether from false Christians, Turks, infidels, or from others suspect in doctrine, as your writings have already sufficiently shown (DENTIÈRE, 2004, p. 51).

No que segue, uma mensagem de ânimo é destinada para que nenhuma mulher deixe de exercer seus talentos, assim como os homens não o fazem. Assim como a irmã Jussie, ela fala com louvor sobre aquelas que decidem sofrer em nome da fé. Elas são estimuladas a não temerem perseguição por sua conversão:

Pelo que Deus lhe deu e revelou para nós mulheres, não mais do que os homens devemos escondê-lo e enterrá-lo na terra. E mesmo que não tenhamos permissão para pregar em público em congregações e igrejas, não estamos proibidas de escrever e admoestar umas às outras em toda a caridade. Não só para você, minha senhora, eu gostaria de escrever esta carta, mas também dar coragem a outras mulheres detidas em cativeiro, para que elas não temam ser expulsas de suas terras, longe de seus parentes e amigos, como eu fui, pela palavra de Deus (DENTIÈRE, 2004, P. 53).¹⁸

Na visão de Marie Dentièrre o meio eficaz de as mulheres se libertarem da opressão e buscarem sua identidade é por meio do conhecimento das Escrituras Sagradas. Ela deixa claro que esse é o objetivo que moveu sua escrita e tenta buscar por meio da influência da rainha de Navarra um reforço no que tange o acesso das mulheres a esse conhecimento:

Até agora, as escrituras foram tão escondidas delas. Ninguém se atreveu a dizer uma palavra sobre isso, e parecia que as mulheres não deveriam ler ou ouvir nada nas escrituras sagradas. Essa é a principal razão, minha senhora, que me moveu para escrever para você, esperando em Deus que a partir de agora as mulheres não serão tão desprezadas como no passado. Pois, do dia a dia, Deus muda o coração do seu povo para o bem. Isso é o que eu rezo para que aconteça em breve por toda a terra. Amém (DENTIÈRE, p,54).¹⁹

Para contrapor-se, então, ao pensamento de que a mulher deveria se resguardar em silêncio a respeito de suas experiências na religião, a autora mune-se da

¹⁸ For what God has given you and revealed to us women, no more than men should we hide it and bury it in the earth. And even though we are not permitted to preach in public in congregations and churches, we are not forbidden to write and admonish one another in all charity. Not only for you, my Lady, did I wish to write this letter, but also to give courage to other women detained in captivity, so that they might not fear being expelled from their homelands, away from their relatives and friends, as I was, for the word of God (DENTIÈRE, 2004, P. 53).

¹⁹ For until now, scripture has been so hidden from them. No one dared to say a word about it, and it seemed that women should not read or hear anything in the holy scriptures. That is the main reason, my Lady, that has moved me to write to you, hoping in God that henceforth women will not be so scorned as in the past. For, from day to day, God changes the hearts of his people for the good. That is what I pray will soon happen throughout the land. Amen (DENTIÈRE, p,54).

própria Bíblia para apontar inúmeros exemplos de mulheres que não se detiveram em uma postura omissa e passiva. Nesse momento observa-se que o texto bíblico é apropriado para a defesa de que as mulheres também tinham papéis relevantes:

Várias mulheres são nomeadas e louvadas nas escrituras sagradas, tanto por sua boa conduta, ações, comportamento e exemplo quanto por sua fé e ensino: Sarah e Rebeca, por exemplo, e primeiro entre todas as outras no Antigo Testamento; a mãe de Moisés, que, apesar do decreto do rei, ousou livrar seu filho da morte e viu que ele era cuidado na casa do faraó, como é amplamente declarado em Êxodo 2; e Deborah, que julgou o povo de Israel na época dos juízes, não deve ser desprezada. Juízes 4. Devemos condenar Ruth, que, mesmo sendo do sexo feminino, teve sua história contada no livro que leva seu nome? Acho que não, vendo que ela está numerada entre a genealogia de Jesus Cristo. Que sabedoria tinha a Rainha de Sabá, que não só é nomeada no Antigo Testamento, mas a quem Jesus ousa nomear entre os outros sábios! Se estamos falando das graças que foram dadas às mulheres, que maior graça chegou a qualquer criatura na terra do que a virgem Maria, mãe de Jesus, ter carregado o filho de Deus? Não foi uma pequena graça que permitiu que Isabel, mãe de João Batista, tivesse um filho milagrosamente depois de ter sido estéril. Que mulher era maior pregadora do que a mulher samaritana, que não tinha vergonha de pregar Jesus e sua palavra, confessando-o abertamente diante de todos, assim que ouviu Jesus dizer que devemos adorar Deus em espírito e verdade? Quem pode se vangloriar de ter tido a primeira manifestação do grande mistério da ressurreição de Jesus, se não Maria Madalena, de quem ele tinha expulsado sete demônios, e as outras mulheres, a quem, em vez de homens, ele havia se declarado anteriormente através de seu anjo e ordenou-lhes para dizer, pregar, e declará-lo para os outros (DENTIÈRE, 2004, p. 54 e 55).²⁰

²⁰ Several women are named and praised in holy scripture, as much for their good conduct, actions, demeanor, and example as for their faith and teaching: Sarah and Rebecca, for example, and first among all the others in the Old Testament; the mother of Moses, who, in spite of the king's edict, dared to keep her son from death and saw that he was cared for in the Pharaoh's house, as is amply declared in Exodus 2; and Deborah, who judged the people of Israel in the time of the Judges, is not to be scorned. Judges 4. Must we condemn Ruth, who, even though she was of the female sex, had her story told in the book that bears her name? I do not think so, seeing that she is numbered among the genealogy of Jesus Christ. What wisdom had the Queen of Sheba, who is not only named in the Old Testament, but whom Jesus dared to name among the other sages! If we are speaking of the graces that have been given to women, what greater grace has come to any creature on earth than to the virgin Mary, mother of Jesus, to have carried the son of God? It was no small grace that allowed Elizabeth, mother of John the Baptist, to have borne a son miraculously after having been sterile. What woman was a greater preacher than the Samaritan woman, who was not ashamed to preach Jesus and his word, confessing him openly before everyone, as soon as she heard Jesus say that we must adore God in spirit and truth? Who can boast of having had the first manifestation of the great mystery of the resurrection of Jesus, if not Mary Magdalene, from whom he had thrown out seven devils, and the other women, to whom, rather than to men, he had earlier declared himself through his angel and commanded them to tell, preach, and declare it to others? (DENTIÈRE, 2004, p. 54 e 55).

Além de elucidar que tantas mulheres fizeram parte das narrativas bíblicas, uma declaração chama atenção dentre os argumentos expostos, pois se trata de um discurso dicotômico sobre os sexos, muito difundido na época, de acordo com o qual as mulheres seriam infinitamente mais propensas ao erro.²¹ Dentièrre aponta que os homens são tão tendentes ao erro como qualquer ser humano, mas surpreende o exemplo utilizado para validar sua fala:

Embora em todas as mulheres tenha estado em imperfeição, os homens não foram isentos disso. Por que é necessário criticar tanto as mulheres, vendo que nenhuma mulher jamais vendeu ou traiu Jesus, mas um homem chamado Judas? (DENTIÈRE, 2004, p. 56)²²

Como uma mulher protestante, Marie Dentièrre desejava exercer as práticas tão difundidas em seu meio, que era estudar as Escrituras e pregá-las em todas as oportunidades que tivesse. Como uma mulher de seu tempo, tal qual Jeanne de Jussie, ela valeu-se da escrita para projetar suas convicções, indo contra às limitações impostas pelos discursos misóginos que orientavam o olhar sobre as mulheres.

O encontro das duas não foi registrado por Dentièrre; sua única referência às irmãs do convento na epístola é expressa em uma menção à irmã Colette, quando faz uma crítica sobre a abstinência de carne na alimentação no período da quaresma: "não só isso é comandado por todos, ao contrário dos mandamentos de Deus, mas também nenhum carthusiano, nenhum Celestino, nenhum jacobino, nenhuma irmã Colette nem outros monges podem comer carne" (DENTIÈRE, 2004, p. 70, tradução nossa).²³

²¹Ver SALISBURY, Joyce E. *Pais da Igreja, Virgens independentes*. São Paulo: Scritta, 1995.

²² "Even though in all women there has been imperfection, men have not been exempt from it. Why is it necessary to criticize women so much, seeing that no woman ever sold or betrayed Jesus, but a man named Judas?" (DENTIÈRE, 2004, p. 56).

²³ "not only is this commanded of everyone, contrary to the commandments of God, but also no Carthusian, no Celestine, no Jacobin, no sister Colette (...) nor other monks may ever eat meat" (DENTIÈRE, 2004, p. 70).

Marie Dentière não terminou seus dias no exílio como Jeanne de Jussie, no entanto, partiu sem alcançar o devido reconhecimento de seu discurso como teóloga, o que só veio acontecer séculos após sua morte.

O encontro improvável dentro de um convento entre uma freira católica e uma difusora da causa protestante diz muito mais do que mulheres que abraçaram religiões diferentes em um contexto de tensão político-religiosa. Essas personagens provam que é preciso deslocar o filtro de análise sobre determinado período para a realização de um estudo mais completo. Sem subtraí-las de seu tempo e espaço é possível observar suas tentativas de imprimirem significados próprios aos processos que vivenciaram. Uma mesma Genebra em Reforma foi vista por perspectivas completamente díspares e graças aos registros escritos essa comparação pode ser realizada. Por ter sido retratada por mulheres, mostra que estas vivenciaram as mudanças de maneiras diferentes das dos homens. E por ter sido retratada por mulheres de realidades diferentes mostra que as experiências de vida implicaram diretamente no processo de significação das suas práticas.

As distintas realidades das personagens apontaram em quais medidas foi possível romper com o silenciamento feminino e como essa postura era percebida pelos demais agentes sociais, sobretudo cônjuges, pais e líderes religiosos. Jussie apresenta uma postura mais conformista, não porque fosse subjugada, mas porque enxergava na vida conventual um meio com o qual se identificava e concordava. Sua insatisfação não era direcionada à Igreja Católica, mas às pregações protestantes. Muitas freiras abandonaram o enclaustramento, e a investida protestante no convento de Santa Clara aponta que ela poderia ter feito o mesmo, mas permaneceu e sustentou sua concepção mesmo no exílio.

A trajetória de Marie Dentière traz um caráter mais combativo, que abre espaço para novas questões. Ainda que Jeanne de Jussie tenha dedicado uma sessão de sua obra às mulheres, ela não encontrou resistência no meio católico, justamente porque reafirmava o discurso já proferido de tudo o que uma boa mulher cristã

deveria ser. Já Dentière ergueu um protesto dentro do protestantismo, pois não lhe agradava que as mulheres fossem limitadas na instrução e no debate, pontos tão difundidos pelos reformadores. A crítica tecida defende a ampliação da democratização do ensino para o êxito do movimento. Dessa forma, Dentière demonstrou entender que as mulheres com conhecimentos teológicos sólidos estariam prontas para argumentar em qualquer circunstância.

É possível dizer que Marie Dentière e Jeanne de Jussie são “pontos fora da curva”, dada a raridade de mulheres que escrevem nesse âmbito. Esses relatos lançaram luz sobre um cotidiano marcado pela guerra do discurso político-religioso e demonstraram como os dois grupos em litígio tinham questões específicas contornadas com significados relativos aos discursos sobre gênero. Tais discursos foram recebidos e interpretados de maneiras distintas, indicando a existência, ainda que pouco conhecida, de uma reflexão exercida por mulheres acerca de sua própria identidade e de seu papel social ao longo da instabilidade na Europa quinhentista.

Referências

ABREU, Maria Zina Gonçalves de. **A reforma da igreja em Inglaterra: acção feminina, protestantismo e democratização política e dos sexos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BROOMHALL, Susan. **Women and religion in sixteenth-century France**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

CHARTIER, Roger. As Práticas da Escrita. In ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger; FEIST, Hildegard. **História da vida privada Vol 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 113 -162.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DENTIÈRE, Marie. **Epistle to Marguerite de Navarre and Preface to a Sermon by John Calvin**. Tradução de Mary B McKinley. *The Other Voice in Early Modern Europe*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

GODINEAU, Dominique. **Les Femmes dans la France Moderne**. Paris: Armand Colin, 2015.

JUSSIE, Jeanne de. **The Short Chronicle: A Poor Clare's Account of the Reformation of Geneva**. Tradução de Carrie F. Klaus. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

LE ROUX, Nicolas. **Les Guerres de Religion 1559-1629**. Presses Universitaires de France: Paris, 2016.

SALISBURY, Joyce E. **Pais da Igreja, Virgens independentes**. São Paulo: Scritta, 1995.

SONNET, Martine. Uma filha para educar. In FARGE, Arlette & DAVIS, Natalie Zemon.(org.) **História das Mulheres – do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1994, p. 141- 178.

TREU, Martin. **Katherine Von Bora: Luther's Wife**. Reformation Biographies. Translated by Stephen P. Glinsey Jr. Lutherstadt Wittenberg: Drei Kastanien Verlag, 2017.

WALSBY, Malcom. Promoting the Counter-Reformation in Provincial France: Printing and Bookselling in Sixteenth-Century Verdun. In BELLINGRADT, Daniel; NELLES, Paul; SALMAN; Jeroen. **Books in Motion in Early Modern Europe: Beyond Production, Circulation and Consumption**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2017, p. 15-37.